

O conhecimento da alma como causa necessária para a formação de educadores: um estudo das *Questões Disputadas Sobre a Alma*, de Tomás de Aquino

The knowledge of the soul as a necessary cause for the formation of educators: a study of the *Disputed Questions on the Soul*, by Thomas Aquinas

El conocimiento del alma como causa necesaria para la formación de educadores: un estudio de las *Cuestiones Disputadas Sobre el Alma*, de Tomás de Aquino

Rafael Henrique Santin

 <https://orcid.org/0000-0002-8520-4592>

Terezinha Oliveira

 <https://orcid.org/0000-0001-5349-1059>

Resumo: Neste artigo, analisamos a função dos sentidos internos e externos na aprendizagem segundo Tomás de Aquino (século XIII). A fonte que estudamos é o conjunto de *Questões* ministradas pelo teólogo dominicano no *Studium Generale* de Santa Sabina, em Roma, no ano letivo de 1266-1267, que tiveram a alma como tema central. Nessa época, Tomás foi incumbido de organizar os estudos da Ordem dos Frades Pregadores em Roma. As *Questões Disputadas Sobre a Alma* fazem parte do trabalho do autor para a formação de educadores. Cabe destacar que empregados o termo 'educadores' para nomear todo intelectual que se dedica, especialmente, à difusão do conhecimento pertinente para sua época, contribuindo para o desenvolvimento social, político e cultural da sociedade da qual faz parte. Com esse estudo, procuramos apresentar lições de Tomás de Aquino que possam fundamentar uma reflexão mais profunda a respeito da formação docente em nosso próprio tempo.

Palavras-chave: História da educação medieval; Tomás de Aquino; *Questões Disputadas Sobre a Alma*; formação docente.

Abstract: In this article, we analyze the role of the internal and external senses in learning according to Thomas Aquinas (13^o century). The source we have studied is the set of *Questions* taught by the Dominican theologian at the *Studium Generale* of Santa Sabina, in Rome, in the academic year of 1266-1267, which had the soul as their central theme. At this time, Thomas was commissioned to organize the studies of the Order of Preachers in Rome. The *Disputed Questions on the Soul* are part of the author's work for the training of educators. It should be noted that the term 'educators' is used to designate any intellectual who dedicates himself, especially, to the dissemination of knowledge pertinent to his time, contributing to the social, political and cultural development of the society of which he is a part. With this study, we seek to present lessons from Thomas Aquinas that can support a deeper reflection on teacher education in our own time.

Keywords: History of medieval education; Thomas Aquinas; *Disputed Questions on the Soul*; teacher training.

Resumen: En este artículo, analizamos la función de los sentidos internos y externos en el aprendizaje según Tomás de Aquino (siglo XIII). La fuente que estudiamos es el conjunto de Cuestiones impartidas por el teólogo dominicano en el *Studium Generale* de Santa Sabina, en Roma, durante el año académico 1266-1267, que tuvieron como tema central el alma. En esa época, Tomás fue encargado de organizar los estudios de la Orden de los Frailes Predicadores en Roma. Las *Cuestiones Disputadas Sobre el Alma* forman parte del trabajo del autor para la formación de educadores. Cabe destacar que empleamos el término 'educadores' para nombrar a todo intelectual que se dedica, especialmente, a la difusión del conocimiento pertinente para su época, contribuyendo al desarrollo social, político y cultural de la sociedad de la cual forma parte. Con este estudio, buscamos presentar lecciones de Tomás de Aquino que puedan fundamentar una reflexión más profunda respecto a la formación docente en nuestro propio tiempo.

Palabras clave: Historia de la educación medieval; Tomás de Aquino; *Cuestiones Disputadas Sobre el Alma*; Formación docente.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos alguns resultados de nossa pesquisa sobre a formação do educador na obra de Tomás de Aquino. Essa pesquisa trata dos conceitos de ensino e de aprendizagem nas *Questões Disputadas Sobre a Alma*, um conjunto de lições que Tomás de Aquino ministrou para os estudantes do *Studium* de Santa Sabina, em Roma, no ano letivo de 1266-1267¹. A obra é registro de aulas dadas pelo autor a estudantes que se tornariam educadores, evidencia a centralidade do estudo da alma para a formação do educador no século XIII. Ela tem, portanto, uma natureza didático-pedagógica que precisa ser reconhecida e a coloca como fonte importante para a História da Educação Medieval.

Tomás de Aquino nasceu em 1225, em Roccasecca, Itália, e morreu em 1274, em Fossanova, também na Itália. Membro de uma família da aristocracia, desde cedo foi orientado a seguir carreira na Igreja. Inicialmente, o plano de sua família era torná-lo um importante quadro da Ordem Beneditina. Contudo, ainda na transição da adolescência para a vida adulta, Tomás de Aquino optou pela carreira religiosa, mas no interior de uma das novas ordens religiosas mendicantes, a Ordem dos Frades Pregadores, também conhecida como Ordem Dominicana. Vencida a resistência familiar, Tomás de Aquino seguiu com sua formação junto aos dominicanos e desempenhou papéis de destaque em diversas frentes nas quais os

¹ Nessa época, além de lecionar no *Studium* de Santa Sabina, Tomás de Aquino era o responsável por essa escola. Esta escola foi estabelecida para a formação de frades dominicanos e estava ligada ao convento dominicano em Roma. Tomás exerceu essa função conforme as ordens de seus superiores na Ordem Dominicana. A escolha de Tomás para essa função demonstra, segundo nosso entendimento, o reconhecimento de seu trabalho intelectual por parte das autoridades dominicanas de seu tempo.

dominicanos atuavam: no ensino e na pesquisa, na pregação e na política (cf. TORREL, 2004; NASCIMENTO, 2011).

As Questões Disputadas Sobre a Alma é um vestígio da atuação de Tomás de Aquino no campo do ensino e da pesquisa. Aliás, o teólogo dominicano é considerado um intelectual² de destaque em sua época, tendo participado ativamente dos principais debates nos círculos universitários do século XIII³. Várias de suas obras são dedicadas à instrução de frades e mestres que atuavam como educadores, isto é, que teriam, após o período de formação, a função de ensinar. Podemos enumerar, além das *Questões* que nos servem de fonte, as *Questões Disputadas Sobre a Verdade*, as *Questões Disputadas Sobre as Criaturas Espirituais*, a *Suma Teológica* e a *Suma Contra os Gentios*. Portanto, neste artigo, estamos analisando uma obra que é fruto da atividade docente do autor, durante a qual ele se dedicou a preparar recursos humanos capazes de desempenhar um trabalho de natureza pedagógica, seja como mestres de escola, posição na qual deveriam ensinar a ciência e a filosofia consideradas pertinentes, sejam como religiosos, cuja incumbência era a de educar e orientar os fiéis na doutrina cristã.

O referencial teórico que baliza nossas reflexões é o da História Social, especialmente as obras dos historiadores da Escola dos *Annales* Marc Bloch (2001), Lucien Febvre (1985) e Fernand Braudel (2014). Em consonância com esse referencial, inquirimos a fonte com o intuito de extrair dela as lições que pode conter sobre os homens no tempo, objeto próprio da História, segundo Bloch e Febvre. Entendemos que a temática abordada precisa ser pensada numa perspectiva de longa duração, como nos ensina Braudel, para que tenhamos a percepção do movimento da história, repleta de rupturas e permanências que dão forma à memória, condição imprescindível para a ação no presente.

A fonte para o desenvolvimento deste texto, como informamos antes, é formada pelas *Questões Disputadas Sobre a Alma*. Essas *Questões* foram ministradas no *Studium* de Santa Sabina para jovens que se tornariam educadores, seja nas Universidades, seja em outros espaços sociais, como igrejas, paróquias, conventos e cortes reais. Seu conteúdo constituía-se, na perspectiva de Tomás de Aquino, como importante para a preparação de seus estudantes, futuros educadores. Face a isso, realizamos um estudo da obra com a intenção de verificar o quê, acerca da alma, os estudantes de Tomás de Aquino deveriam aprender. A obra procura responder a duas questões centrais: em que consiste a alma e como ela funciona. Tomás de Aquino desenvolve a discussão em 5 partes: 1º: a alma em si

² A noção de intelectual que adotamos neste artigo é aquela estabelecida por Jacques Le Goff no livro *Os intelectuais na Idade Média*. Nós problematizamos esse conceito em artigo publicado em 2016 na *Revista Brathair* (OLIVEIRA, MENDES & SANTIN, 2016).

³ Um dos principais debates travados nos círculos universitários na época de Tomás foi a respeito do conceito de intelecto. Podemos ter alguma ideia da efervescência desse debate no tratado escrito pelo teólogo no início da década de 1270 intitulado *A unidade do intelecto contra os averroístas*.

mesma, entre os Artigos 1 e 7; 2º: o corpo em relação à alma, entre os Artigos 8 e 11; 3º: as capacidades operativas humanas, entre os Artigos 12 e 15; 4º: o alcance do conhecimento humano, entre os Artigos 16 e 20; e 5º: a capacidade afetiva em condições extraordinárias, no Artigo 21. Observamos que o conhecimento da alma parte de um estudo da alma em si, passando pela relação da alma com o corpo, por suas capacidades, pelo alcance do conhecimento humano até chegar à questão afetiva. Esse itinerário contempla debates travados entre mestres que procuravam fazer uma leitura escolástica de Aristóteles, como Tomás de Aquino e Alberto Magno, com mestres que trilhavam os caminhos de uma escolástica assentada no neoplatonismo ou no averroísmo. Observamos, ainda, que as *Questões Disputadas Sobre a Alma* contém ensinamentos relevantes que podem orientar a formação dos estudantes no presente. Esse aspecto é o que, a nosso ver, caracteriza essa obra como um clássico do pensamento educacional.

O CONHECIMENTO DA ALMA COMO CAUSA NECESSÁRIA PARA A FORMAÇÃO DE EDUCADORES

Antes de passarmos ao conteúdo da fonte, consideramos importante explicar, brevemente, a forma que ela assume, que é a da *disputatio*, parte do que conhecemos como método escolástico. Na Universidade medieval, em especial no século XIII, seja na Faculdade de Artes, seja nas Faculdades Superiores (Direito, Medicina ou Teologia), os alunos estudavam em duas fases: a *lectio* e a *disputatio*. Na primeira fase, lia-se as obras das *auctoritas* (autoridades). As *auctoritas* eram os textos considerados fundamentais para o estudo de determinada matéria. Nos cursos de Teologia, por exemplo, estudava-se como autoridades as Sagradas Escrituras e as obras dos Padres da Igreja, como Ambrósio de Milão, Jerônimo de Estridão, Agostinho de Hipona, Gregório Magno, Basílio de Cesaréia, Atanásio de Alexandria, Gregório de Nazianzo e João Crisóstomo. Em Filosofia, lia-se como autoridades Platão, Aristóteles, Averróis, Avicena entre outros. A fase de leitura das autoridades tinha o objetivo de conhecer a fundo os conteúdos das obras, fazendo-se, quando possível e necessário, interpretações a partir de questões importantes na perspectiva do leitor. Na segunda fase do método, debatia-se problemas do presente a partir das autoridades lidas na primeira fase. Esse debate tinha a seguinte estrutura: colocava-se o problema a ser debatido; apresentava-se uma hipótese; passava-se às objeções, nas quais os participantes colocavam argumentos no sentido de confirmar a hipótese; em seguida, passava-se a palavra aos que tinham argumentos contrários à hipótese; depois, o mestre considerava os argumentos apresentados pelos defensores e os opositores da tese e emitia uma conclusão; no final, se necessário, o mestre rebatia e explicava cada um dos argumentos colocados na etapa de objeções (cf. NUNES,

1979; VERGER, 2001; VERGER, 2006). Os Artigos das *Questões Disputadas Sobre a Alma* tinham essa estrutura da disputa ou debate.

Como as *Questões* que nos servem de fonte foram desenvolvidas na Faculdade de Teologia, as autoridades invocadas são aquelas da Teologia. Entretanto, para o ingresso nas Faculdades Superiores, como era a de Teologia, precisava-se passar pela Faculdade de Artes, onde se estudava as ciências do *Trivium* (Dialética, Gramática e Retórica) e do *Quadrivium* (Aritmética, Geometria, Astronomia e Música) e a Filosofia. Por isso, na obra em questão, mescla-se às autoridades da Teologia autoridades da Filosofia. Portanto, a complexidade das referências que sustentam as *Questões Sobre a Alma* impõe ao leitor contemporâneo um desafio extra, além da forma em que o texto se apresenta, isto é, exige um razoável conhecimento dessas autoridades, até para bem identificar a originalidade da discussão proposta pelo autor.

Apresentamos, a seguir, parte dos resultados obtidos em nossa pesquisa. Discorreremos, inicialmente, sobre as discussões empreendidas no *Questão 1*, intitulada *Se a alma humana pode ser forma de algo concreto*, e, depois, a respeito das reflexões desenvolvidas por Tomás de Aquino acerca dos sentidos.

Na primeira *Questão*, Tomás de Aquino discute se a alma humana pode ser forma e, ao mesmo tempo, algo concreto. Em sua conclusão, o autor retoma as considerações de diversas autoridades – Aristóteles, Empédocles, Galeno e Platão – e, após analisá-las, defende que a alma está unida substancialmente ao corpo e que a alma pode ser algo concreto.

De acordo com o teólogo, ao se contrapor às ideias de Platão, “De fato, é manifesto que aquilo pelo qual vive o corpo é a alma. Ora, viver, para os viventes, é ser. Assim, a alma é aquilo pelo qual o corpo humano tem o ser em ato; mas tal coisa é forma: a alma humana é, portanto, a forma do corpo” (TOMÁS DE AQUINO, *Questões disputadas sobre a alma*, q. 1, resp.). O conceito de “forma” empregado pelo autor tem o sentido daquilo que dá o ser a uma determinada coisa. Trata-se da noção aristotélica de “forma”, que se complementa com a noção de “matéria”. De acordo com a teoria aristotélica, a matéria é o que está em potência para toda existência. Os seres humanos, os cavalos e os cães são compostos de matéria. A matéria é o que iguala todos os seres existentes, pois se existem é porque são atualização da matéria. O elemento responsável pela atualização da matéria é a forma, daí é que surgem as diferenças essenciais entre os seres existentes. Os seres humanos, assim como os cavalos e os cães, são compostos de matéria, mas diferentemente dos cavalos e dos cães, que têm, respectivamente, forma de cavalo e forma de cão, os seres humanos têm a forma de ser humano. Assim, nós, seres humanos, somos seres compostos de matéria (potência de existir) e forma (forma de ser humano). Segundo Tomás de Aquino, a alma é a forma do ser humano, é o que nos dá o ser.

Vencida a primeira parte do problema suscitado pela *Questão*, Tomás de Aquino passa a considerar a possibilidade ou não de a alma ser algo concreto. O aspecto central que precisa ser destacado nessa parte da discussão é a noção de “concreto”. Para o autor, é concreto o que pode subsistir por si mesmo, isto é, concreto é o que tem uma operação própria, que independente de outro ser para ser o que é. A alma tem como operação própria a inteligência (cf. TOMÁS DE AQUINO, *Questões disputadas sobre a alma*, q. 1, resp. 11). A inteligência, em si, independe de qualquer órgão corporal. Portanto, a alma é algo concreto, pois apesar de ser forma do corpo e de estar em união substancial com ele, não precisa dele para ser o que é.

A defesa da alma como algo concreto contém desdobramentos que observamos no texto tomasiano. O primeiro deles é sobre a localização da alma humana na hierarquia dos seres existentes. Se a alma humana independe do corpo, então, podemos considerá-la como equivalente às substâncias separadas, como os anjos? A resposta de Tomás é não, pois a alma humana tem uma natureza diversa da natureza das substâncias separadas. Com efeito, as substâncias separadas, assim como a alma humana, têm como operação própria a inteligência, mas, ao contrário da alma humana, elas não precisam unir-se a um corpo para entender. A alma humana precisa dessa união porque é da sua natureza alcançar o conhecimento imaterial a partir das coisas materiais, o que significa que, segundo o próprio Tomás de Aquino, “[...] a alma tem certa dependência do corpo, na medida em que sem o corpo a alma não chega ao complemento de sua espécie. Entretanto, não depende do corpo no sentido de que não possa existir sem ele” (TOMÁS DE AQUINO, *Questões disputadas sobre a alma*, q. 1, resp. 12).

Essa última afirmação não pode ser analisada sem considerar as questões históricas que atravessam nossa fonte. Não podemos nos esquecer que estudamos um teólogo cristão, que viveu no século XIII, e que era ativo na Cristandade, tendo trabalhado como professor e aconselhado reis, príncipes, papas e outras autoridades laicas e eclesiásticas. Entendemos que suas reflexões devem ser analisadas no conjunto que denominamos hoje como “Cristandade ocidental”. Um dos pilares do Cristianismo é a crença numa vida posterior à que vivemos no presente e que é eterna. O que iria para junto do Criador não seria o corpo, já que o corpo continua nesse plano da existência em contínuo processo de decomposição até desaparecer por completo. Então, restaria dizer que é a alma que vai para a outra vida. Nesse sentido, é razoável conceber, segundo os princípios da Teologia cristã, que a alma seja concreta, pois para que possa retornar para junto do Criador é indispensável que ela continue existindo mesmo sem o corpo.

Contudo, surge outro problema. Se a alma é concreta e, por isso, é o que é independentemente do corpo, podendo existir sem ele, porque ela necessita do corpo para realizar sua operação própria, que é a inteligência? Essa questão é importante porque evidencia a síntese es-

colástica que Tomás de Aquino desenvolve para tratar do conceito de alma. Afirmar a concretude da alma e sua dependência do corpo, em que pese a aparente contradição contida na afirmação, é a forma que Tomás de Aquino encontrou para conciliar a teoria peripatética e a tradição cristã. A alma humana, segundo o teólogo dominicano, depende do corpo porque segundo Aristóteles nós conhecemos as espécies inteligíveis a partir dos sentidos, do mundo material, e, ao mesmo tempo, ela é concreta, isto é, tem uma operação que lhe é própria e independe de qualquer outro ser para existir como tal, porque de acordo com as *Sagradas Escrituras* todos os seres humanos podem atingir a vida eterna ao lado do Criador – aliás, essa é a grande promessa feita por Deus aos homens, segundo os textos cristãos. Assim, não há, na perspectiva tomasiana, contradição entre a dependência que a alma tem do corpo e o fato de ela ser concreta. O que há é um dado da razão (a dependência do corpo para que a alma realize sua operação própria), oriundo da teoria aristotélica, e um dado da fé (a concretude da alma), revelado pelas *Sagradas Escrituras*, convergindo para estabelecer um conceito escolástico de alma.

Passamos, agora, a tratar da questão dos sentidos no processo de conhecimento, tema que compõe as lições tomasianas sobre a alma. Os sentidos, conforme a discussão de Tomás de Aquino nas *Questões Sobre a Alma*, figuram entre as potências da alma. Eles são categorizados no rol das potências sensitivas orientadas para o conhecimento. Todas as potências são da alma considerando a união desta com o corpo. Algumas delas dependem integralmente dessa ligação essencial, como os sentidos externos, enquanto outras apresentam espécie de ação que se distanciam de funções biofísicas, como o intelecto, ainda que necessitem da corporeidade de alguma forma. No que diz respeito aos sentidos, Tomás de Aquino afirma que eles são potências receptivas “das espécies individuais sem matéria, mas receptivas em um órgão corporal”, distinguindo os sentidos externos e os sentidos internos. Assim, para o que ele chama de “perfeição do conhecimento sensível”, é preciso verificar cinco “condições”.

Em primeiro lugar, verifica-se a necessidade de que “o sentido receba da espécie das coisas sensíveis: o que é ato do *sentido próprio*” (TOMÁS DE AQUINO, *Questões disputadas sobre a alma*, q. 13, resp.). Em segundo lugar, é preciso que se “discrimine os sensíveis percebidos e [se] distinga uns dos outros” (TOMÁS DE AQUINO, *Questões disputadas sobre a alma*, q. 13, resp.), o que é ato do *sentido comum*. Em terceiro lugar, é indispensável que “as espécies das coisas sensíveis recebidas sejam conservadas”, para que o animal possa apreender as coisas sensíveis mesmo que estejam materialmente ausentes, o que é ato da *imaginação* ou *fantasia*. Em quarto lugar, é imprescindível que se apreenda, das coisas sensíveis, o que Tomás de Aquino chama de “certas intenções que o sentido [próprio] não apreende”, como as noções de nocividade e de utilidade. Nesse caso, há uma diferença importante no modo como o ser humano e os outros animais realizam esse procedimento: no caso do ser humano, chega-se ao conhecimento dessas noções “investigando e discorrendo” acerca de

aspectos particulares e imediatos das coisas, enquanto os outros animais chegam a elas por instinto. Por isso, nos seres humanos, essa quarta condição é chamada de *cogitativa* ou de *razão particular* – é o famoso “*feeling*”. Em quinto lugar, é necessário que o que foi conservado mediante a imaginação seja reconduzido ao presente, à consideração atual, o que é ato da *memória* ou *reminiscência* – aqui também há aquela distinção entre os seres humanos e outros animais observada anteriormente, relativa à *cogitativa*.

Assim, temos o ato dos cinco sentidos externos (*visão, audição, tato, paladar e olfato*), circunscritos no que Tomás de Aquino chama de “sentido próprio”, e o ato dos quatro sentidos internos (*sentido comum, imaginação ou fantasia, cogitativa ou razão particular e memória ou reminiscência*) (cf. TOMÁS DE AQUINO, *Questões disputadas sobre a alma*, q. 13, resp.).

Os sentidos externos são diferenciados não só pelos objetos que lhe são próprios, mas, também, pelos diferentes modos de abordar tais objetos. Assim, no sentido do *tato* é preciso que haja alteração material tanto no objeto sensível, quando no animal que sente; no sentido do *paladar*, é preciso que haja alteração material no objeto sensível e um tipo de alteração transitória no animal que sente, de modo que não há alteração material propriamente dita; no *olfato* e na *audição* observa-se apenas alteração material no objeto sensível e não no animal que sente; por fim, na *visão*, não se observa alteração material nem no objeto sensível, nem no animal que sente (cf. TOMÁS DE AQUINO, *Questões disputadas sobre a alma*, q. 13, resp.).

Os sentidos internos, como já mencionamos aqui, são quatro: *sentido comum, imaginação ou fantasia, cogitação ou razão particular e memória ou reminiscência*. Os sentidos internos servem, segundo a argumentação de Tomás de Aquino, à ordenação dos dados oriundos dos sentidos externos. Com efeito, pelos sentidos externos apreendemos aspectos particulares dos objetos sensíveis. Esses aspectos são insuficientes para a composição da experiência do animal no mundo, especialmente aos seres humanos, cujo conhecimento transcende o aspecto sensível e chega ao inteligível. Enxergar a cor de um cavalo não dá conta de nos fazer entender o que é um cavalo, tampouco sentir seu odor ou ouvir seu relincho. A “experiência sensível” que podemos ter de um cavalo exige a percepção de sua totalidade. E é aqui que entram os sentidos internos. Pelo *sentido comum*, podemos ter a consciência dos atos da visão, do olfato, da audição, do tato e do paladar, distinguindo os diferentes dados advindos desses sentidos externos, isto é, podemos ter a consciência da complexidade e da multidimensionalidade da realidade sensível em seus aspectos particulares. Pela *imaginação* ou *fantasia*, conservamos uma determinada “imagem sensorial” da realidade sensível, remontando os dados dos sentidos externos numa espécie de síntese da “experiência sensível”. Pela *cogitativa* ou *razão particular*, temos alguma consciência do uso e da relevância da realidade sensível, o que nos permite “intuir” determinadas intenções da realidade sensível. Enfim, pela *memória* ou *reminiscência* somos capazes de invocar deter-

minadas “imagens sensoriais” já remontadas anteriormente para uso imediato (cf. TOMÁS DE AQUINO, *Questões disputadas sobre a alma*, q. 13, resp.). Isso coloca os sentidos internos na condição de mediadores entre o contato com a exterioridade e a construção de uma interioridade inteligente, isto é, entre o conhecimento sensível e o conhecimento intelectual.

Dito isso, consideramos necessário pontuar que, de acordo com Tomás de Aquino, chegamos ao conhecimento das coisas de duas maneiras: pela descoberta e pelo ensino. Pela descoberta, chegamos ao conhecimento das coisas a partir de meios próprios, sem a mediação de alguém mais experiente. Pelo ensino, chegamos ao conhecimento das coisas mediante a ação didática de alguém que tem o conhecimento em ato. Tomás de Aquino trata disso em outro conjunto de *Questões Disputadas*, as *Questões Disputadas Sobre a Verdade*, lições ministradas na Universidade de Paris entre 1256 e 1259. O que considero importante nessas reflexões sobre a descoberta e o ensino é a importância que o teólogo dá ao ensino em relação à descoberta. Segundo ele, o ensino é um modo mais adequado para se chegar ao conhecimento porque a chance de enfrentarmos dificuldades é menor, já que somos conduzidos ao conhecimento por alguém que já fez esse percurso e, tecnicamente, sabe que direção tomar. Diante disso, podemos pensar que a “experiência sensível” do homem pode e deve ser mediada, especialmente no que diz respeito ao ato dos sentidos internos. Os sentidos funcionam mesmo que não os entendamos. É da natureza humana sentir. Entendê-los e discipliná-los, isso sim, é algo determinado social e culturalmente. E não somos plenamente capazes de fazer isso sozinhos. De fato, na perspectiva tomasiana, é possível e necessário ensinar e aprender a enxergar, ouvir, sentir...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito escolástico de alma ao qual nos referimos, do nosso ponto de vista, carrega elementos essenciais do que estamos chamando em nossa pesquisa de “Filosofia da Educação tomasiana”. Esses elementos serão evidenciados no decorrer da leitura das próximas *Questões*, mas podemos destacar agora alguns deles.

Em primeiro lugar, a dependência que a alma tem do corpo para realizar sua operação própria, a intelectão, é prova de que, na perspectiva tomasiana, a educação, entendida como um processo que envolve ações de ensino e de aprendizagem entre agentes sociais enquadradas em determinadas condições sociais, históricas, econômicas e culturais que podem dar-se formal, não-formal ou informalmente, é uma necessidade humana. Sem educação, é impossível que a alma, como algo concreto, seja o que pode e deve ser. Se a alma não for o que pode e deve ser, segundo uma determinada ordem ‘natural’ defendida por Tomás de Aquino, então, poderia ter problemas para trilhar o caminho da vida eterna. Hoje, se não

formos educados para entender a 'natureza' social do homem não atingimos e praticamos a vida social com vistas a paz e a harmonia.

Em segundo lugar, na Filosofia da Educação tomasiana, o desenvolvimento do ser humano, como criatura que transita entre o mundo material e o mundo espiritual, principia com o ato dos sentidos externos, passa pelos sentidos internos para, então, chegar ao intelecto.

Em terceiro lugar, a "experiência sensível", a sensibilidade, tal como a concebemos hoje, não é puramente obra dos sentidos externos, mas resultado da síntese dialógica operada pelos sentidos internos, realizada com os dados oriundos dos sentidos externos.

Em quarto lugar, a sensibilidade é parte fundamental da experiência humana, que só se completa com o ato do intelecto pelo qual se cumprem, na visão cosmológica tomasiana, os desígnios do ser humano no contexto da criação de Deus; a experiência é causa necessária do conhecimento humano, mas não é causa suficiente.

Em quinto lugar, sendo a sensibilidade causa necessária do conhecimento humano, a privação da experiência sensível, especialmente nos casos em que a privação é imposta externamente, o que se observa, por exemplo, em contextos de desigualdade educacional, prejudica o desenvolvimento humano.

Por fim, considerando que a experiência sensível deve ser a mais rica possível e que grande parte dela é ensinada e aprendida, seu desenvolvimento saudável depende, em grande medida, da mediação de pessoas mais experientes; assim, é necessário acentuar, na Filosofia da Educação tomasiana, a responsabilidade dos educadores diante daqueles que precisam aprender, também, a sentir o mundo.

REFERÊNCIAS

- BLOCH, M. L. B. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BRAUDEL, F. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- FEBVRE, L. **Combates pela história**. Lisboa: Editorial Presença, 1985.
- NASCIMENTO, C. A. R. do. **Um mestre no ofício**: Tomás de Aquino [livro eletrônico]. São Paulo: Paulus, 2011.
- NUNES, R. A. da C. **História da Educação na Idade Média**. São Paulo: EPU, 1979.
- OLIVEIRA, T.; MENDES, C. M. M.; SANTIN, R. H. Contribuições de Jacque Le Goff para a História da Educação Medieval: Totalidade e Longa Duração nos estudos sobre os intelectuais. **Brathair**, 16 (2), 2016, p. 235-250. Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/viewFile/1263/991>. Acesso em 05 nov. 2023.
- TOMÁS DE AQUINO. **A Unidade do Intelecto contra os Averroístas**. Lisboa: Edições 70, 1999.
- TOMAS DE AQUINO. **Questões Disputadas Sobre a Alma**. São Paulo: É Realizações, 2012.
- TORREL, J.-P. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino**: sua pessoa e sua obra. São Paulo: Loyola, 2004.
- VERGER, J. **Cultura, ensino e sociedade no Ocidente nos séculos XII e XIII**. Bauru: EDUSC, 2001.
- VERGER, J. Universidade. In: LE GOFF, J; SCHMITT, J.-C. (Orgs.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru: Edusc, 2006.

Recebido em dezembro/2023 | Aprovado em maio/2024

MINIBIOGRAFIA

Rafael Henrique Santin

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor do Instituto Federal do Paraná (IFPR) – Campus Campo Largo.

E-mail: rafael.h.santin@gmail.com

Terezinha Oliveira

Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora Titular da Universidade Estadual de Maringá junto ao Departamento de Fundamentos da Educação e ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

E-mail: teleoliv@gmail.com